

CADERNO REGIONAL AGROPECUÁRIO

CUSTOS DE PRODUÇÃO



SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL

ABRIL, 2022

Vol 2 Nº 2 2022
ISSN: 2764-3697

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
CARLOS MASSA RATINHO JUNIOR - GOVERNADOR

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
NORBERTO ANACLETO ORTIGARA - SECRETÁRIO
RICHARDSON DE SOUZA - DIRETOR-GERAL
BENNO HENRIQUE WEIGERT DOETZER- DIRETOR TÉCNICO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
SALATIEL TURRA - CHEFE DE DEPARTAMENTO

DIVISÃO DE ESTATÍSTICAS BÁSICAS
LARISSA NAHIRNY ALVES - COORDENADORA

DIVISÃO DE CONJUNTURA
MARCELO GARRIDO MOREIRA - COORDENADOR

**CADERNO REGIONAL
AGROPECUÁRIO**
N.02 VOL.02 2022, 35p
Curitiba PR

2. CADERNO DIGITAL

VÁRIOS AUTORES

SECRETARIA DE ESTADO DA
AGRICULTURA E DO
ABASTECIMENTO

DEPARTAMENTO DE
ECONOMIA RURAL

SUMÁRIO

3 Apresentação

4 Metodologia

4 Objetivo

5 Café

6 Custos

7 Preços

8 Análise histórica

9 Feijão

10 Custos - 1ª safra

11 Custos - 2ª safra

12 Preços

13 Análise histórica

14 Mandioca

15 Custos

16 Preços

17 Análise histórica

18 Milho

19 Custos - 1ª safra

20 Custos - 2ª safra

21 Preços

22 Análise histórica

23 Soja

24 Custos

25 Preços

26 Análise histórica

27 Trigo

28 Custos

29 Preços

30 Análise histórica

31 Considerações

32 Corpo Técnico Deral - Sede

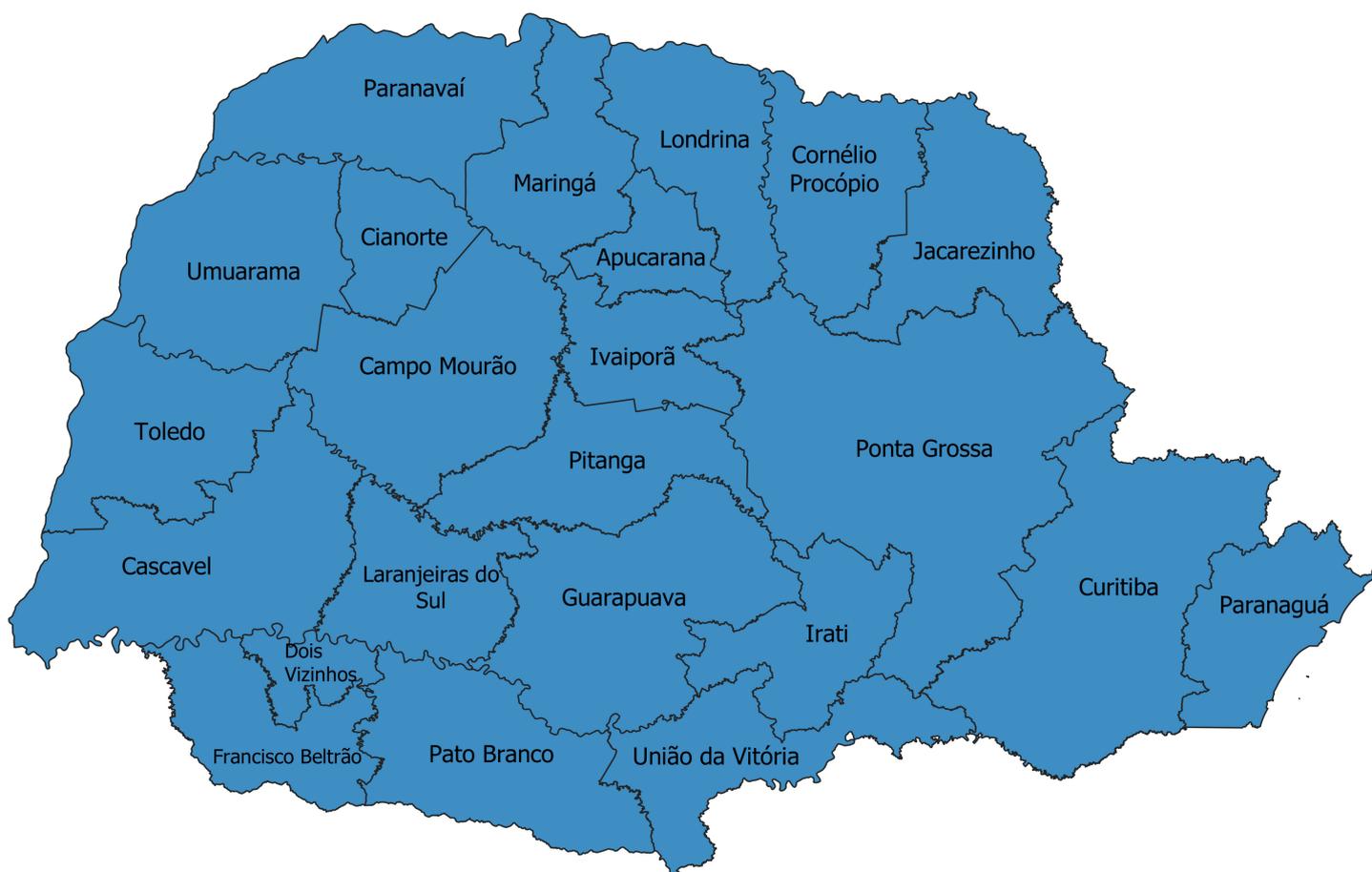
33 Corpo Técnico Deral - Núcleos Regionais

APRESENTAÇÃO

O **Caderno Regional Agropecuário** é de periodicidade trimestral elaborado pelos Residentes Técnicos do Departamento de Economia Rural (Deral), contando com representantes dos 23 núcleos regionais (mapa abaixo) da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab).

Portanto, faz-se uso do banco de dados do Deral, bem como analisa e acompanha o desempenho de diversas cadeias de importância no Estado.

Esta edição apresenta o tema dos Custos de Produção e Preços Recebidos pelo Produtor para algumas culturas do Paraná, trimestralmente, entre os anos de 2015 e 2021.



METODOLOGIA

Custos de Produção

Trimestralmente é calculada a estimativa de custos de produção das diversas explorações da agropecuária paranaense. Os sistemas de produção, bem como a tecnologia empregada, são resultantes de pesquisas com produtores e representam a moda para a atividade.

Para este cálculo são usados dados do levantamento trimestral dos preços pagos na compra e locação de insumos ou fatores de produção agropecuária. Também possibilitam a construção de índices de preços, o estudo de relações de troca e o atendimento ao público externo.

Preços recebidos pelo produtor

Levantamento dos preços recebidos pelos produtores na venda da sua produção. O preço semanal é coletado junto aos Núcleos Regionais e ponderado pela relação entre a produção do Núcleo Regional e a produção do Estado. Posteriormente, pelo método da média aritmética simples, calcula-se o preço médio mensal. A coleta caracteriza o preço à vista recebido pelo produtor, livre de impostos.

OBJETIVO

A 2ª edição do Caderno Regional Agropecuário atenta para a evolução do custo de produção e dos preços recebidos pelo produtor de algumas culturas selecionadas do Paraná.

Com a situação crítica de escassez hídrica vivenciada no Estado, a avaliação dos custos e preços são de suma importância para melhor visualização do arcabouço econômico que os produtores rurais paranaenses se encontram neste momento e para oferecer um melhor suporte a políticas públicas que visem apoiar esses produtores.

Para responder esses questionamentos, a partir dos dados do Deral, serão avaliados os Custos de Produção de algumas culturas selecionadas e os Preços Recebidos pelo Produtor, trimestralmente, entre 2015 e 2021, possibilitando avaliações dos motivos que levaram as variações observadas e também a explanação da tendência histórica deste período.

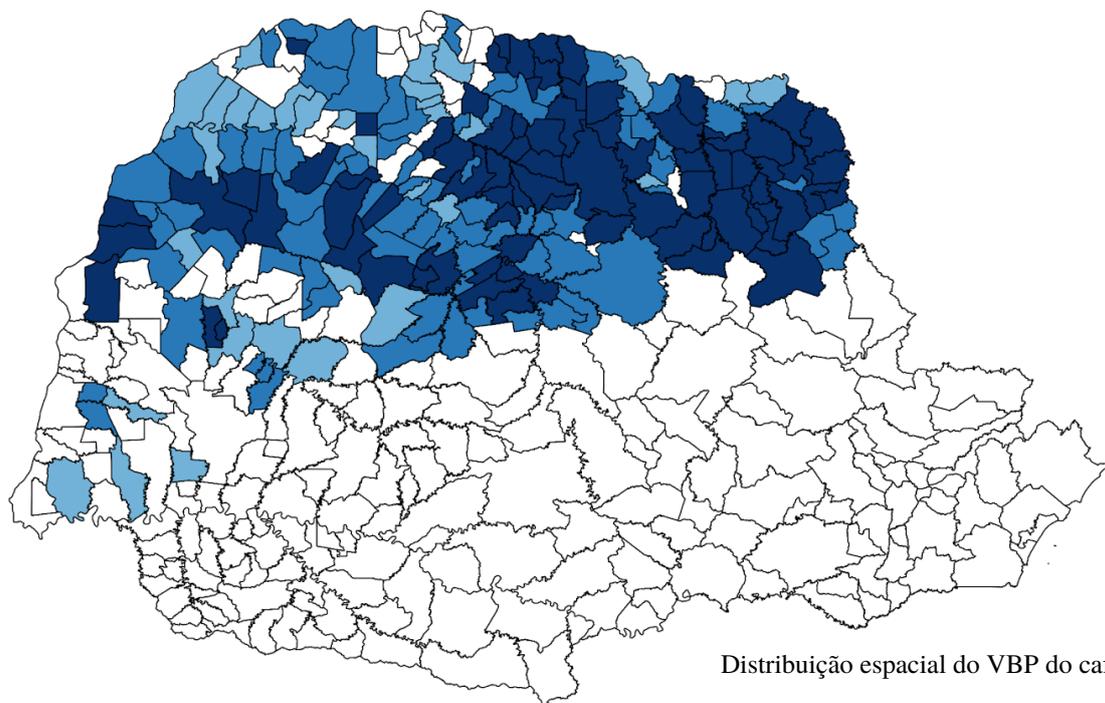
CAFÉ

O plantio do café costuma ser realizado no primeiro semestre do ano, período em que há maior disponibilidade de mudas. O sucesso das lavouras cafeeiras vai depender, entre outros fatores, de mudas certificadas e de boa qualidade. Para implantação do cafezal, é recomendado áreas entre 600 m a 1.200 m de altitude e precipitação anual entre 1.200 mm a 1.800 mm. O espaçamento é realizado de forma que atenda às recomendações técnicas e ao manejo a ser utilizado, seja manual ou mecanizado. A primeira colheita é feita de 24 a 36 meses após o plantio e é realizada de abril a setembro.

Em 2020, o VBP do café totalizou R\$ 481 milhões, representando 0,34% do total do Estado. As cinco cidades com as maiores

produções foram: Carlópolis, Pinhalão, Ibaiti, Tomazina e Apucarana. Destas, quatro fazem parte do NR de Jacarezinho. As cinco cidades juntas representam mais da metade do VBP do café no Paraná.

O custo que apresentou o maior aumento, neste período, foi o de fertilizantes. No primeiro semestre de 2015, seu custo era de R\$ 80,48, ao passo que no último trimestre de 2021 este custo chegou a representar R\$ 185,08, apresentando uma variação de aproximadamente 130%. Por outro lado, a mão-de-obra temporária foi o custo de produção que mais diminuiu, em um montante aproximado de -41%.



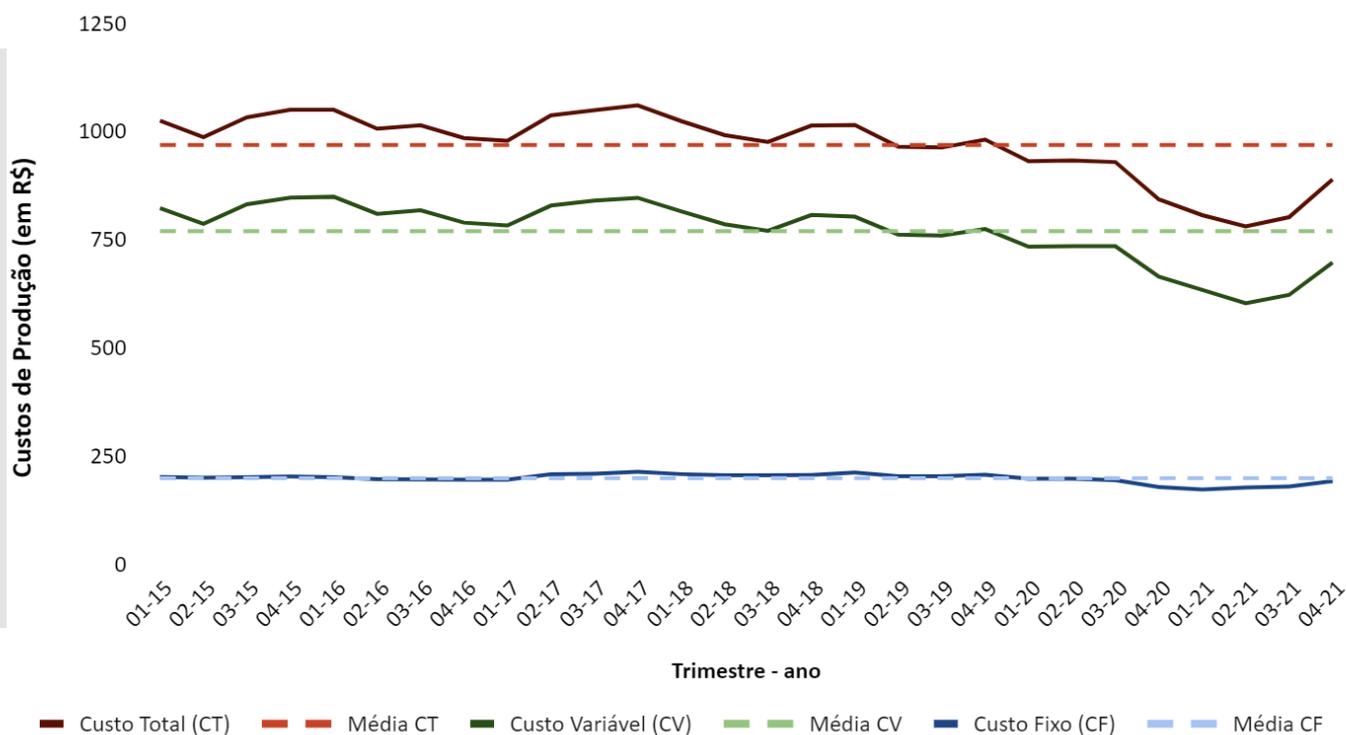
Distribuição espacial do VBP do café em 2020

CUSTOS

Comparando o 1º trimestre de 2015 com o 4º trimestre de 2021, o custo fixo apresentou uma variação negativa de 4,84%, com o custo variável também diminuindo em um volume de 15,31%.

A partir do último trimestre de 2021, os custos do café passaram a apresentar constantes reduções, em virtude de uma tendência de queda no custo com mão-de-obra, no montante de -15% entre os dois últimos trimestres de 2021. Essa redução no custo com mão-de-obra impactou fortemente os custos totais por conta da representatividade, pois responde por 39% do custo com a cultura.

Custos de Produção Trimestral - Café Adensado (Saca 60 Kg)



PREÇOS

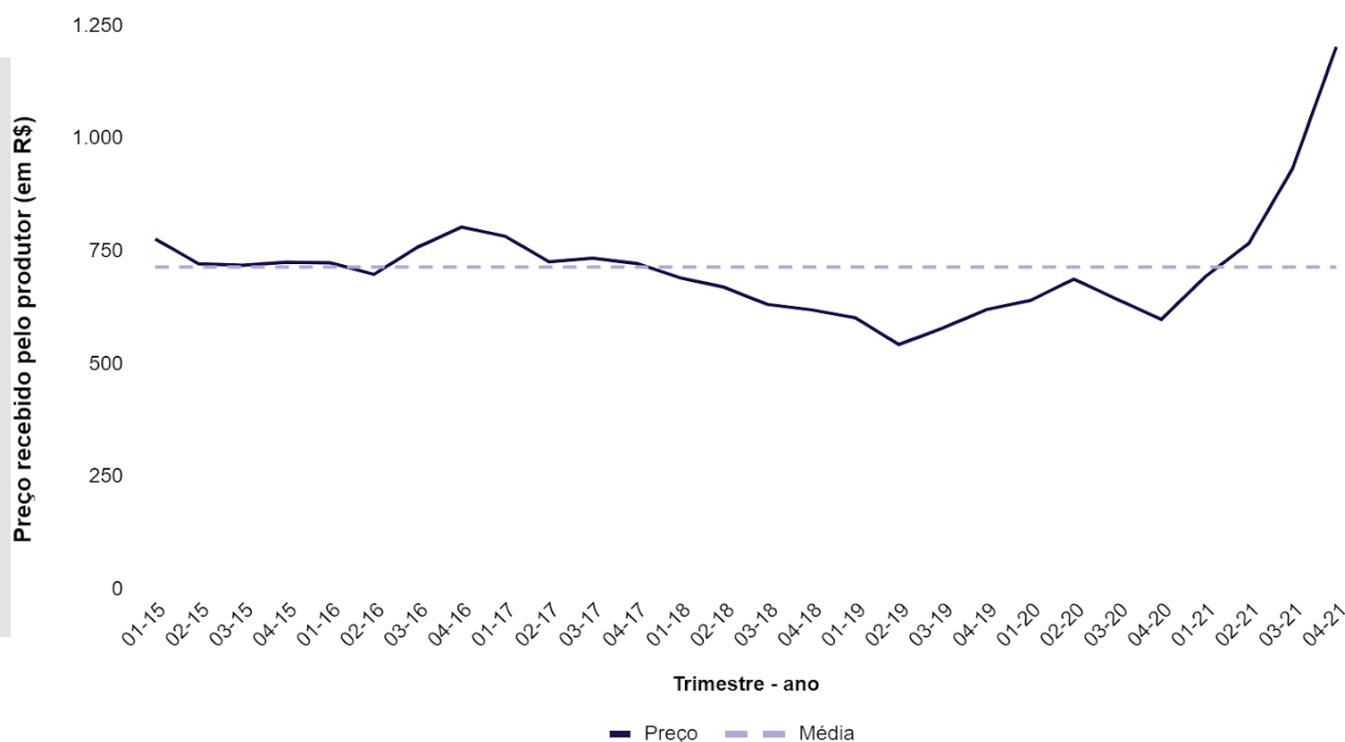
Considerando o período de 2015 a 2021, o produtor recebeu, pela saca de café de 60 kg, em média, R\$ 715,00.

O menor preço se deu no segundo trimestre de 2019, quando a saca foi comercializada a R\$ 542,70. Com as variações no mercado agrícola, no decorrer desses anos, o café tem apresentado oscilações em sua precificação.

Em 2021, os cafeicultores enfrentaram intempéries e vivenciaram todas as consequências no processo de produção, como também acompanharam a evolução no preço. No primeiro trimestre do ano, o produtor recebeu pela saca R\$ 692,97, significando um aumento de 16% em relação a novembro de 2020.

No segundo trimestre de 2021, houve aumento de 11% e, conseqüentemente, o valor de R\$ 932,95 foi atingido durante o terceiro trimestre. Fechando o ano, o produtor recebeu R\$ 1.202,96 pela saca, maior preço no histórico de análise.

Preços médios trimestrais - Café Beneficiado (Saca 60 Kg)



ANÁLISE HISTÓRICA

2021

PREÇOS

A partir do 2º trimestre de 2021, uma tendência de aumento de preços (em virtude das condições climáticas adversas e forte demanda global) os tornou mais elevados frente a seu custo de produção.

2020

PREÇOS

A falta de chuva e geada, assim como a alta do dólar, influenciaram diretamente a exportação, acarretando em aumento no preço nacional.

2019

CUSTOS

Os custos da cultura do café se mantiveram altos por vários trimestres, sofrendo oscilações durante o 1º trimestre de 2015 e o 2º trimestre de 2019.

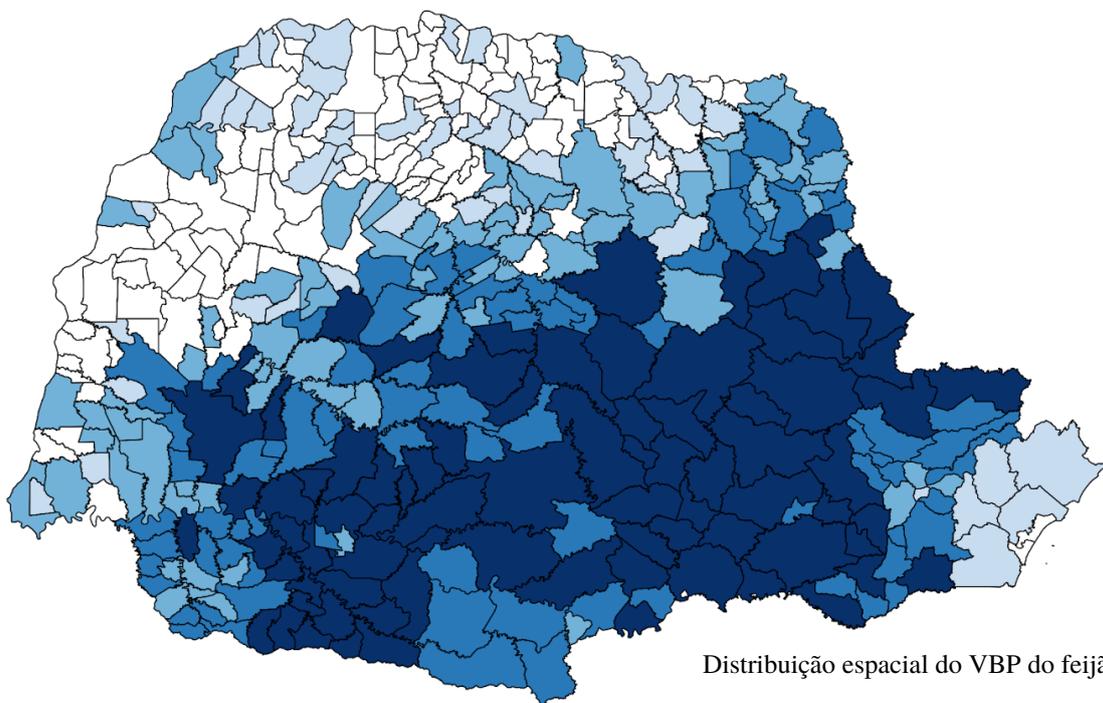
FEIJÃO

O plantio do feijão se concentra basicamente em três períodos: período das águas (setembro a novembro), da seca ou safrinha (janeiro a março) e o de outono-inverno (maio a julho). Este último só pode ser cultivado em regiões em que o frio é mais ameno, sem a ocorrência de geadas. O ciclo desta cultura varia de 75 a 95 dias dependendo da variedade.

A produção do feijão das águas equivaleu a R\$ 906 milhões, representando 0,73% do VBP total do Estado. Entre os Núcleos Regionais de destaque aparece Irati, onde esta cultura representou 5,18% do VBP. A 2ª safra, ou feijão da seca, representou 0,93% do VBP total do Estado.

Como destaques temos o Núcleo Regional de Pato Branco, onde esta cultura representou 5,09% no VBP total. A 3ª safra gerou R\$ 3,96 milhões, sendo cultivada por apenas seis NR's: Jacarezinho, Paranavaí, Umuarama, Cornélio Procópio, Maringá e Cianorte.

Em relação aos custos de produção, os fertilizantes e agrotóxicos tiveram um aumento significativo. Entre o primeiro e o último trimestre de 2021, houve um aumento de 18,98% em fertilizantes e 3,88% em agrotóxicos. Ambos tiveram essa elevação no custo devido à alta demanda, escassez da oferta mundial, elevação dos preços internacionais e problemas com logística.



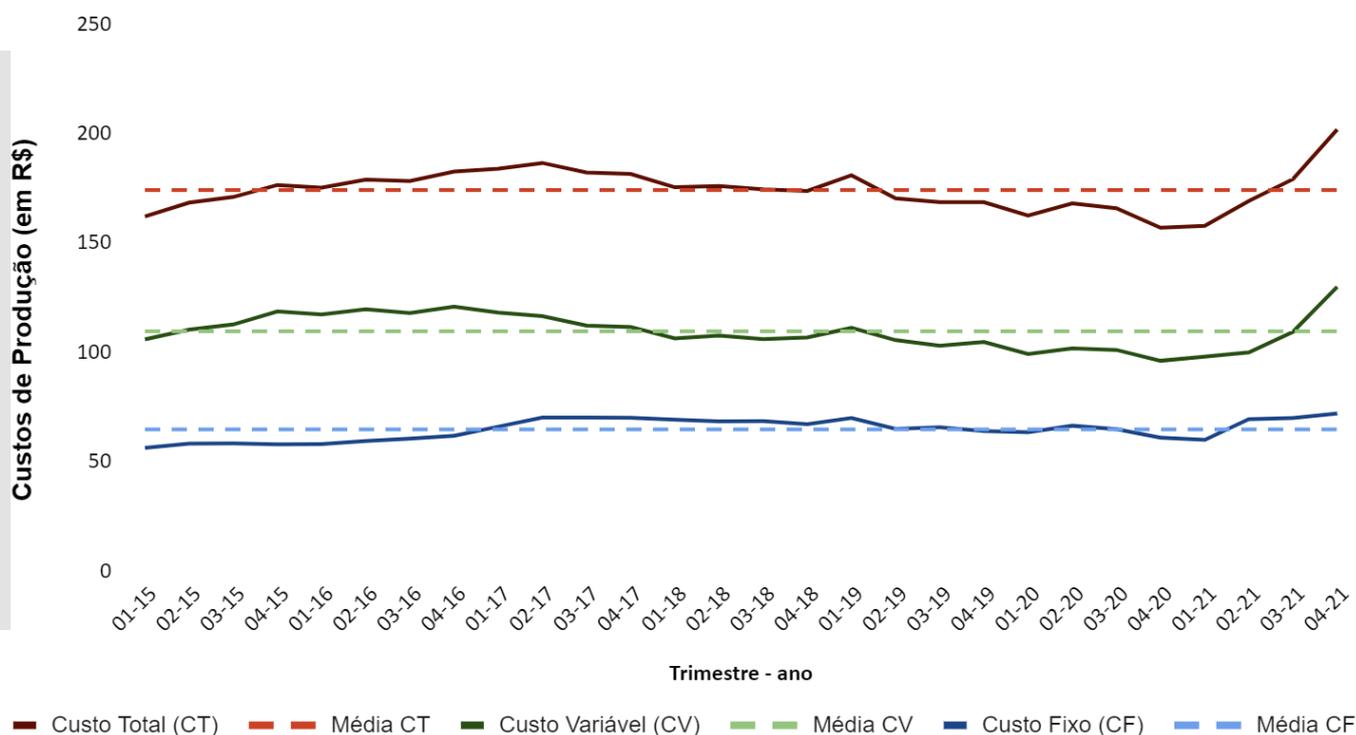
Distribuição espacial do VBP do feijão em 2020

CUSTOS - 1ª SAFRA

Com base no histórico de preços, no primeiro trimestre de 2014 o feijão 1ª safra tinha seu preço de custo em R\$156,69. No ano de 2016 teve um aumento para R\$ 178,24. No ano de 2018 o preço caiu para R\$ 167,47 e, fechando o ano de 2021, chegou a R\$ 178,59. Percebe-se que não ocorreram grandes oscilações nos preços de custos do feijão no passar dos anos.

O custo do feijão da 1ª safra apresentou, neste período, uma média histórica de R\$ 173,93. O último trimestre de 2020 foi o que exibiu o menor custo do histórico, de R\$ 156,68, ao passo que, a partir de então, uma tendência de alta foi exibida, subindo 29% entre o 4º trimestre de 2020 e de 2021.

Custos de Produção Trimestral - Feijão 1ª Safra (Saca 60 Kg)

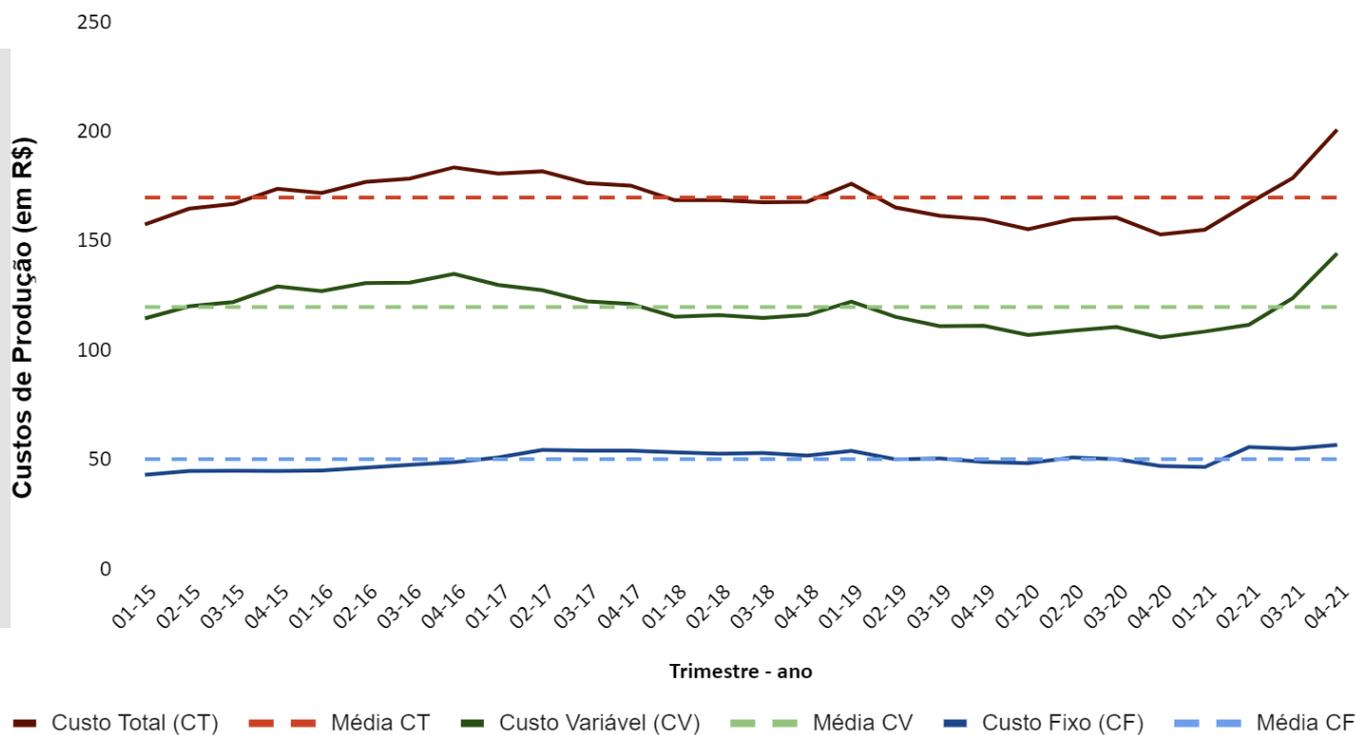


CUSTOS - 2ª SAFRA

Com base no histórico de preços, no primeiro trimestre de 2015 o feijão 2ª safra tinha custo de R\$ 157,31. No último trimestre de 2016 foi para R\$ 200,65. No ano de 2020 o preço caiu para R\$ 152,67. Percebe-se que não ocorreram grandes oscilações nos reajustes de custos do feijão no passar dos anos.

O custo do feijão da 2ª safra apresentou, neste período, uma média histórica de R\$ 169,57. O último trimestre de 2020 foi o que exibiu o menor custo do histórico, de R\$ 152,69, ao passo que a partir de então, uma tendência de alta foi exibida, se elevando 31% entre o 4º trimestre de 2020 e de 2021.

Custos de Produção Trimestral - Feijão 2ª Safra (Saca 60 Kg)

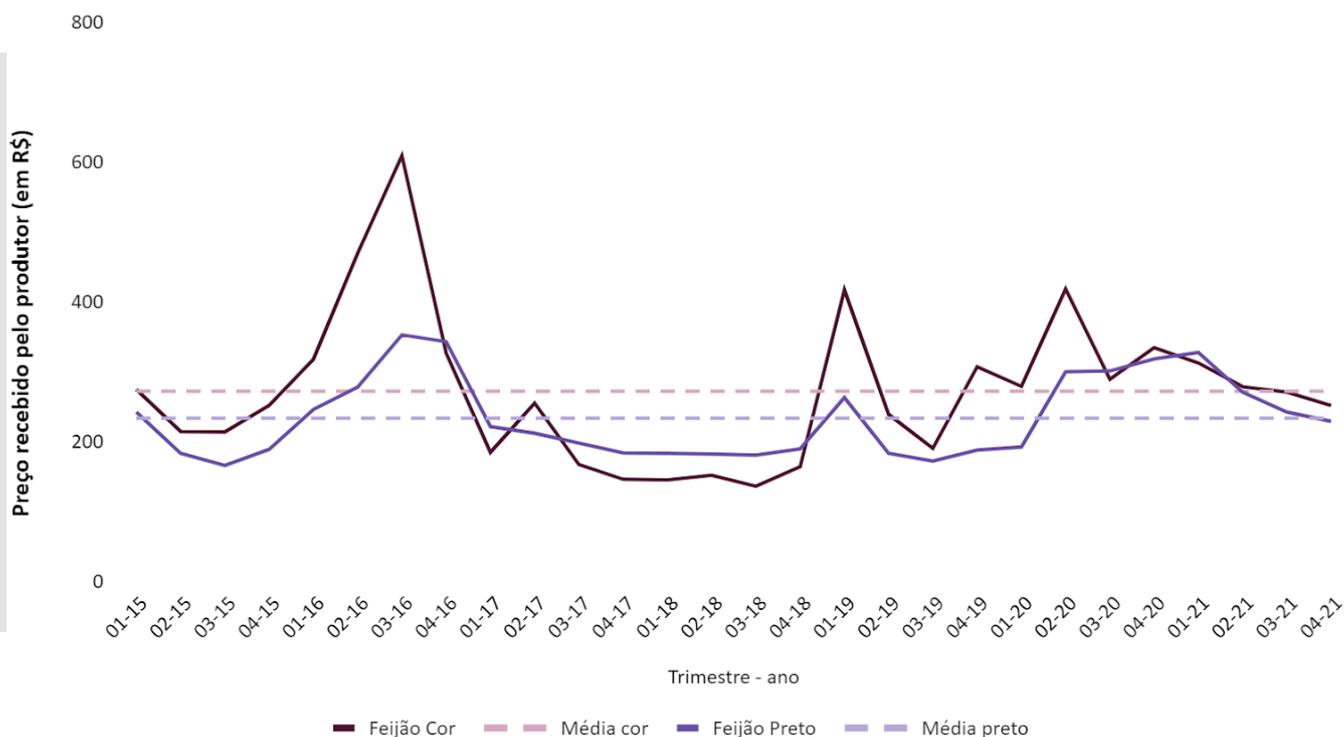


PREÇOS

Analisando o histórico dos preços do feijão cor, observa-se que, em agosto de 2014, houve uma queda no preço para R\$ 56,13. Enquanto em 2016 houve uma alta bastante significativa, indo para R\$ 360,75, em sequência já apresentou queda para R\$ 194,70, e R\$ 86,59 no ano de 2018. Considerando os anos de 2019 a 2021, a média do preço recebido pelo produtor ficou em R\$ 260,00.

O preço recebido pelo produtor, pelo feijão preto, em 2021, se manteve entre R\$ 250,00 e R\$ 270,00. Essa variabilidade ocorre por diversos fatores, entre eles, as condições do mercado consumidor, o excesso na disponibilidade ou falta do produto e as intempéries, que interferem em sua produção.

Preços médios trimestrais - Feijão (Saca 60 Kg)



ANÁLISE HISTÓRICA



2021

CUSTOS

Em decorrência do cenário geopolítico mundial e a redução das importações de fertilizantes advindas da Rússia, somente esse custo se elevou em 31% na cultura do feijão. Este foi o principal fator que desencadeou um aumento médio de 13% no custo de produção.

2016

PREÇOS

O ano de 2016 foi o de maior destaque para o preço do feijão, chegando a R\$ 353,00 o preto e R\$ 609 o cor. Esse pico se deu devido às condições climáticas que afetaram a cultura no ano.

2016

CUSTOS

As condições climáticas adversas marcaram todo o ano de 2016. Por conta disso, o produtor de feijão demandou maiores volumes de contratação de seguros, sendo este o principal fator que elevou seus custos de produção.

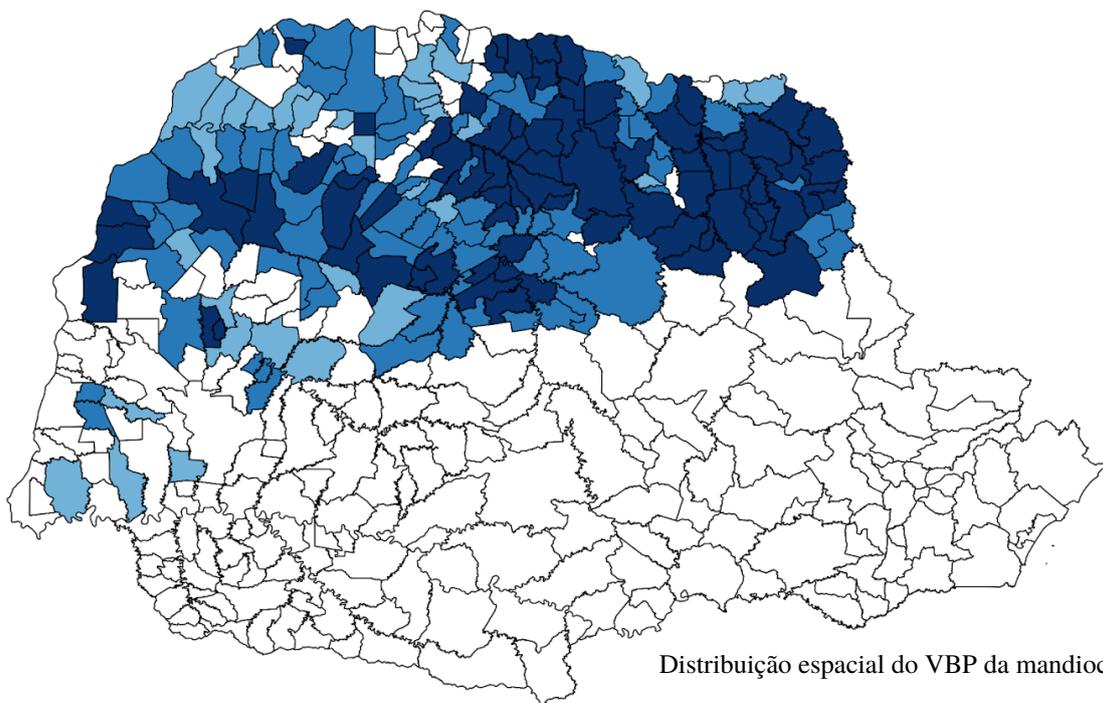
MANDIOCA

O Paraná é o segundo maior produtor nacional e um dos mais tecnológicos no setor. Além disso, a mandioca compõe um dos principais cultivos da agricultura familiar no Estado. O plantio recomendado para o Paraná ocorre entre os meses de junho a setembro. No plantio, o espaçamento depende da fertilidade do solo, do porte da planta (hábito crescimento), tipo de colheita, dentre outros. Na colheita deve se considerar três aspectos: o de ordem técnica (ciclo: precoce, médio e tardio), o ambiental e o econômico.

A produção se concentra, sobretudo, na região Noroeste, que possui o clima e o solo favoráveis ao cultivo. O último VBP estadual da mandioca foi de R\$ 1,6 bilhão, representando 1,25% do VBP estadual. Os

núcleos que mais produziram, pela última estimativa, foram os de Umuarama e Paranaíba.

Dentre os custos variáveis de produção, os fertilizantes apresentaram o maior aumento entre os anos de 2015 a 2021. O preço no primeiro trimestre era de R\$ 25,41, já em novembro de 2021 o custo evoluiu para R\$ 47,44, apresentando uma variação de 86,73%. Por outro lado, a mão-de-obra temporária e o transporte externo tiveram seus custos de produção reduzidos, mantendo-se, respectivamente, em 32,32% e 19,46%. Um dos motivos do aumento do custo com fertilizantes é que grande parte depende de importação, sofrendo influência da alta do dólar durante a pandemia.



Distribuição espacial do VBP da mandioca em 2020

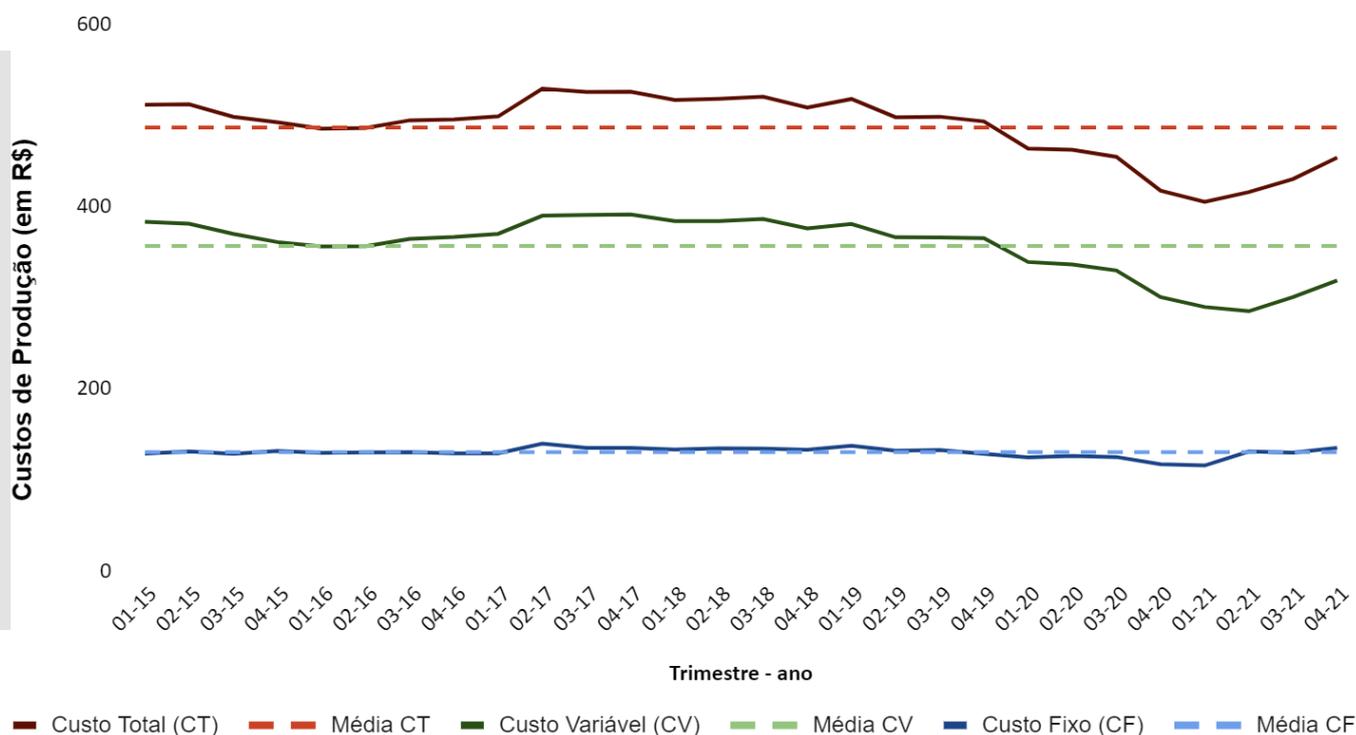
CUSTOS

Considerando a produtividade média da mandioca no Paraná, de 22 toneladas por hectare, a cultura apresenta um custo médio histórico de R\$ 486,13 por tonelada. Desse custo, R\$ 356,17 (73,26%) são variáveis, e R\$ 129,96 (26,74%) são fixos.

Os registros de custos mais baixos foram observados no 1º e 2º trimestre de 2021, com R\$ 404,56 e R\$ 415,22, respectivamente. Essa queda pode ser explicada pela redução dos custos de mão de obra temporária, de transporte externo e das despesas de manutenção de benfeitorias.

Já os custos mais altos estão no ano de 2017, com o maior valor no 2º trimestre (R\$ 525,54), seguido pelo 3º e 4º, ambos com aproximadamente R\$ 525,00. Os aumentos nos trimestres foram puxados pelas variações nos preços de manivas e mão-de-obra temporária.

Custos de Produção Trimestral - Mandioca ciclo 1 (t)



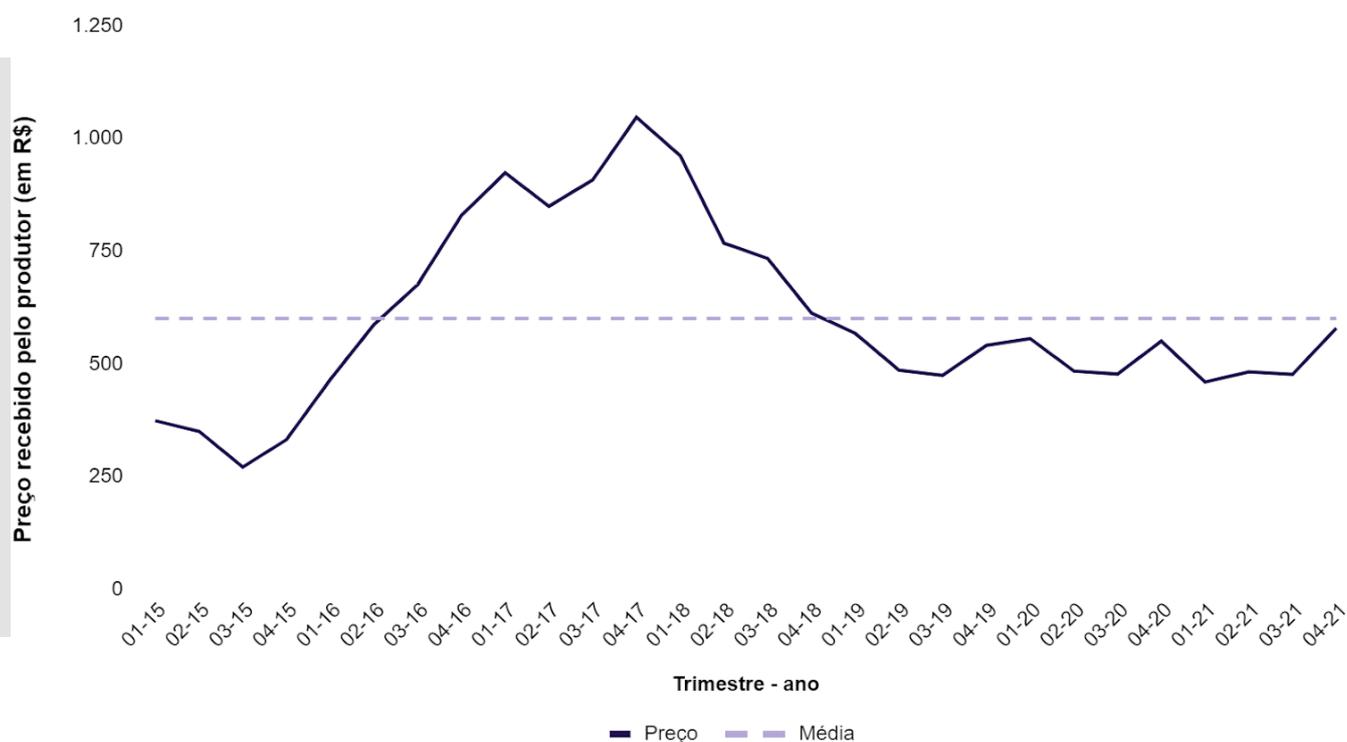
PREÇOS

A média histórica do preço recebido pelo produtor de mandioca no Paraná, entre 2015 e 2021, foi de R\$ 600,72 a tonelada da raiz. Porém, no decorrer do período, os preços oscilaram entre R\$ 271,15 a R\$ 1.046,51.

Os menores preços pagos pela cultura foram observados em 2015, quando a tonelada com valor mais baixo foi comercializada no 3º trimestre, chegando a R\$ 271,15, valor 45% menor que a média histórica para o período. O principal motivo da queda nos preços em 2015 foi a dificuldade na comercialização do produto, o que levou, em maio de 2015, ao movimento dos produtores na intenção de ajuste de preços pagos pela indústria, pois já estavam acumulando prejuízos.

Já na safra 2016/17 e 2017/18, o movimento foi inverso, a tonelada no primeiro trimestre e no último de 2017 valeu R\$ 923,27 e R\$ 1.046,51, respectivamente. Um dos motivos para esse aumento foi a redução no plantio, com menor oferta de matéria-prima para as indústrias. Os preços voltaram a subir em 2017 e permaneceram assim por todo o ano.

Preços médios trimestrais - Mandioca (t)



ANÁLISE HISTÓRICA



2017

PREÇOS

Os maiores preços pagos ao produtor ocorreram durante o ano de 2017. Superior à média histórica em 54%. A redução na área de plantio, escassez de mão-de-obra e preferência pelos plantios de soja e milho são alguns dos motivos.

2015

CUSTOS

Em todo ano de 2017 foram registrados aumentos de custos. Um dos motivos foi a falta de mão de obra no campo, com isso, o preço do trabalho temporário ficou mais elevado em comparação com a média histórica para o período.

2015

LUCROS

Por um movimento de excesso de oferta entre 2015 e 2016, os menores lucros foram observados. Já no período seguinte, pela falta da raiz no mercado, os lucros se tornaram elevados novamente.

MILHO

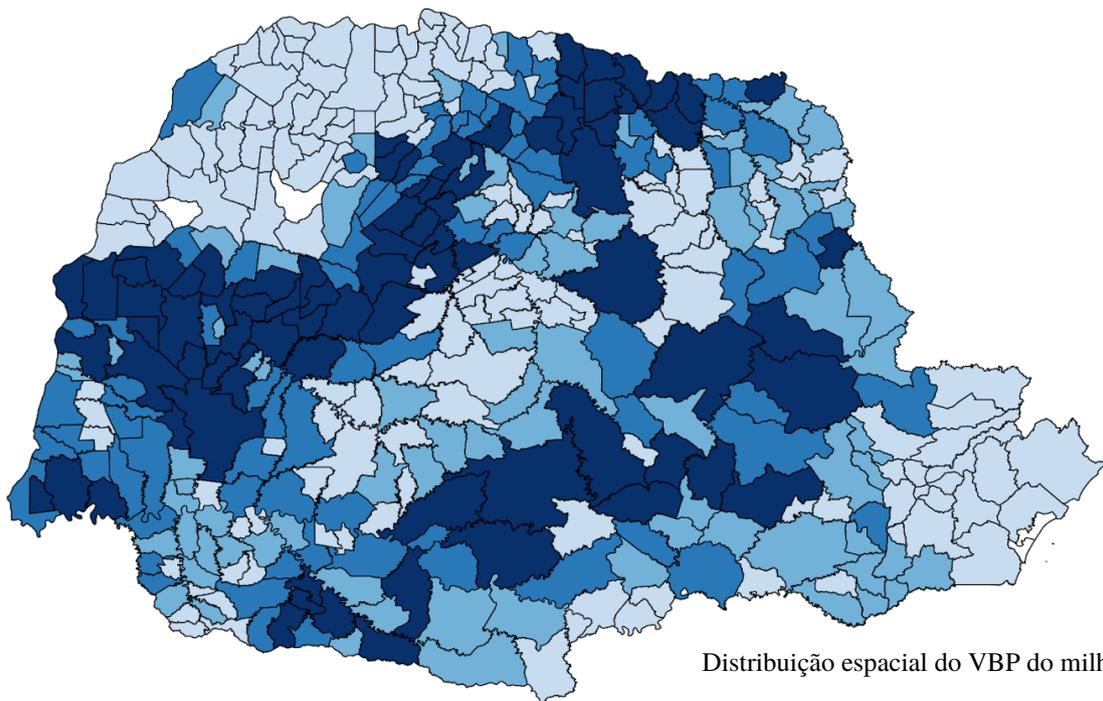


O milho (*Zea mays* L.), é um dos principais cereais produzidos no mundo. No Paraná, divide-se em duas safras, sendo o plantio da primeira entre os meses de setembro e novembro, com colheita entre janeiro e maio, e a segunda safra (safrinha) tem seu plantio nos meses de janeiro a maio, com colheita entre maio e setembro. Em sua grande maioria, a semeadura se dá por meio de plantio direto, com a cultura se tornando cada vez mais tecnificada. A cultura é exigente em água, necessitando de 500 a 800 mm durante o seu ciclo, com temperatura média desejada acima de 15°C e se apresentando suscetível às geadas.

A produção das duas safras de milho corresponderam a 15,79 milhões de toneladas, representando 9,28% do VBP

total do Estado em 2020. Como destaque temos o Núcleo Regional de Campo Mourão, com uma participação de 14% no VBP do milho em todo o Paraná.

Os custos na produção de milho 1º safra em 2021 cresceram. Enquanto em fevereiro de 2021, os fertilizantes custavam R\$ 13,51, em novembro do mesmo ano já custavam R\$ 22,50, representando, dessa forma, uma elevação de 39,97%. Já para a 2ª safra do milho, o custo mais representativo é o de sementes.



Distribuição espacial do VBP do milho em 2020

CUSTOS - 1ª SAFRA



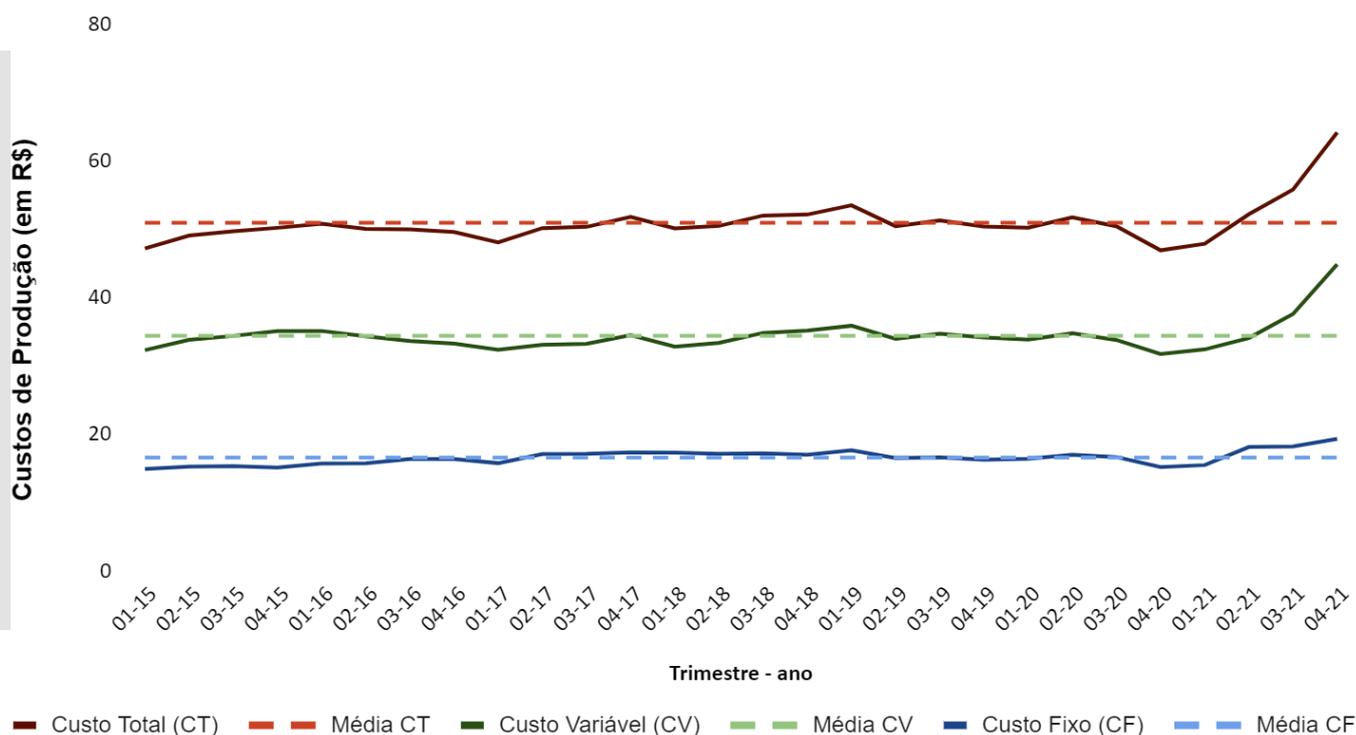
O milho 1ª safra obteve a média de custo fixo de R\$ 17,00 e custo variável de R\$ 34,00 por saca. Os custos tiveram tendência de aumento, destacando o 1º trimestre e o 4º trimestre de 2021, com os custos fixos aumentando em 21% enquanto os custos variáveis elevaram-se em 29%.

O milho 2ª safra apresenta uma média histórica do custo fixo de R\$ 27,00 e de custo variável de R\$ 37,00. No 1º trimestre e no 4º trimestre de 2021, os custos fixos aumentaram 19% e os custos variáveis elevaram-se em 12%.

Os custos dos insumos agrícolas no primeiro trimestre de 2021 se mantiveram estáveis. No entanto, a partir do terceiro trimestre, ocorreu um aumento significativo

tanto nos custos da primeira safra quanto na segunda safra de milho, influenciados principalmente pela alta demanda, escassez dos produtos e a pandemia da covid-19, acarretando alta dos preços de fertilizantes, sementes e defensivos agrícolas.

Custos de Produção Trimestral - Milho 1ª Safra (Saca 60 Kg)



CUSTOS - 2ª SAFRA

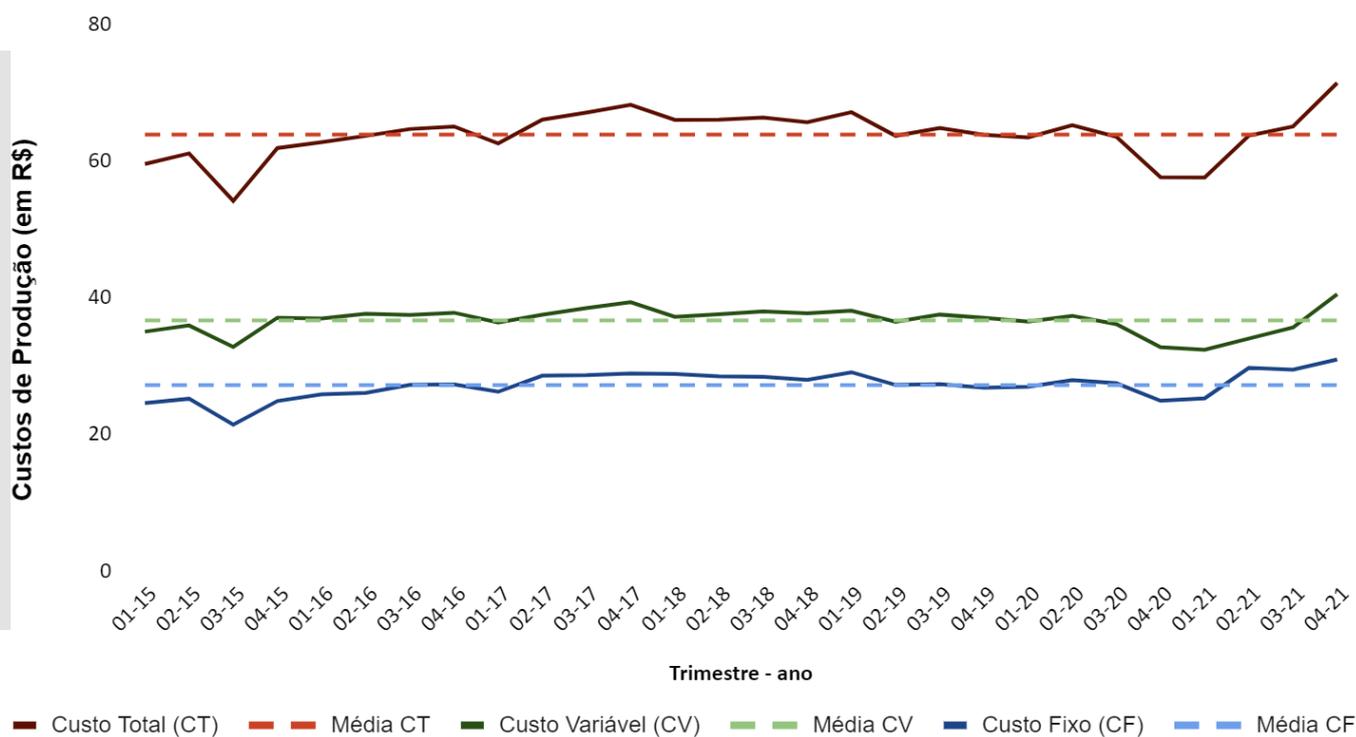


O milho 2ª safra apresenta uma média histórica do custo fixo de R\$ 27,00 e de custo variável de R\$ 37,00. No 1º trimestre e no 4º trimestre de 2021, os custos fixos aumentaram 19% e os custos variáveis elevaram-se em 12%.

Os custos dos insumos agrícolas no primeiro trimestre de 2021 se mantiveram estáveis. No entanto, a partir do terceiro trimestre, ocorreu um aumento significativo,

tanto nos custos da primeira safra quanto na segunda safra de milho, influenciados principalmente pela alta demanda, escassez dos produtos e a pandemia da covid-19, acarretando na alta dos preços de fertilizantes, sementes e defensivos agrícolas.

Custos de Produção Trimestral - Milho 2ª Safra (Saca 60 Kg)



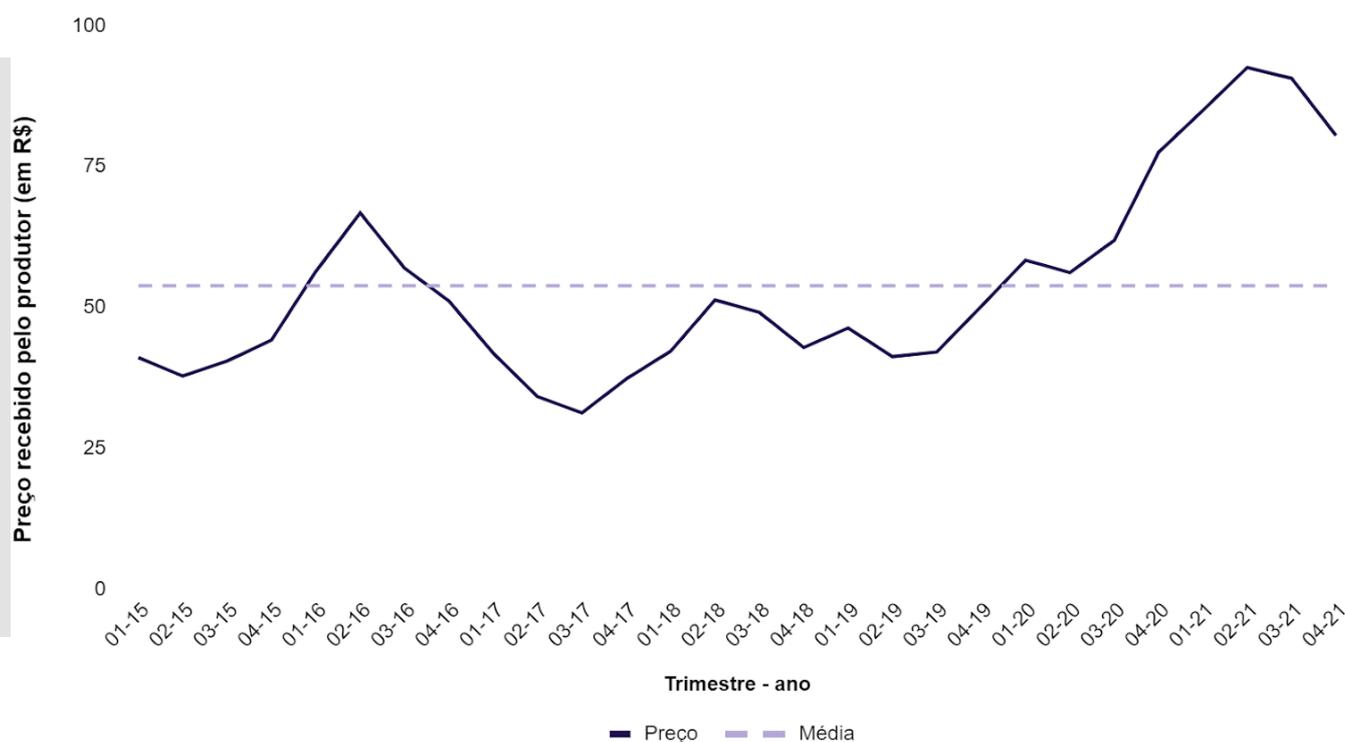
PREÇOS

Os preços médios trimestrais recebidos pelo produtor, da primeira e da segunda safras do milho, possuem uma média histórica de aproximadamente R\$ 54,00 a saca de 60 kg. Porém, no decorrer dos anos de 2015 a 2021, não seguiram uma tendência linear, tendo grandes oscilações de valor devido a variações cambiais e tendência dos custos de produção, que determinam uma maior volatilidade.

Dois períodos críticos podem ser destacados, tanto da primeira como da segunda safra. Um deles é o terceiro trimestre de 2017, no qual os preços ficaram abaixo da média, atingindo R\$ 31,00 a saca de 60 kg devido à alta produção de milho neste período. O outro período que cabe destaque é

a partir do segundo trimestre de 2021, que registrou aumento gradual até chegar ao pico de R\$ 93,00 a saca de 60 kg, justificado pela pandemia da covid-19.

Preços médios trimestrais - Milho (Saca 60 Kg)



ANÁLISE HISTÓRICA



2021

CUSTOS

Em 2021 os custos de produção do milho apresentaram uma alta de 34%, em virtude do aumento do custo com fertilizantes, no patamar de 66%, devido ao cenário geopolítico mundial.

2019

PREÇOS

Além do cenário de incertezas gerado pela pandemia, a taxa de câmbio vem sofrendo desvalorização desde 2019, fatos que provocaram o crescimento das exportações de milho e aumento dos preços da saca no mercado interno.

2017

LUCROS

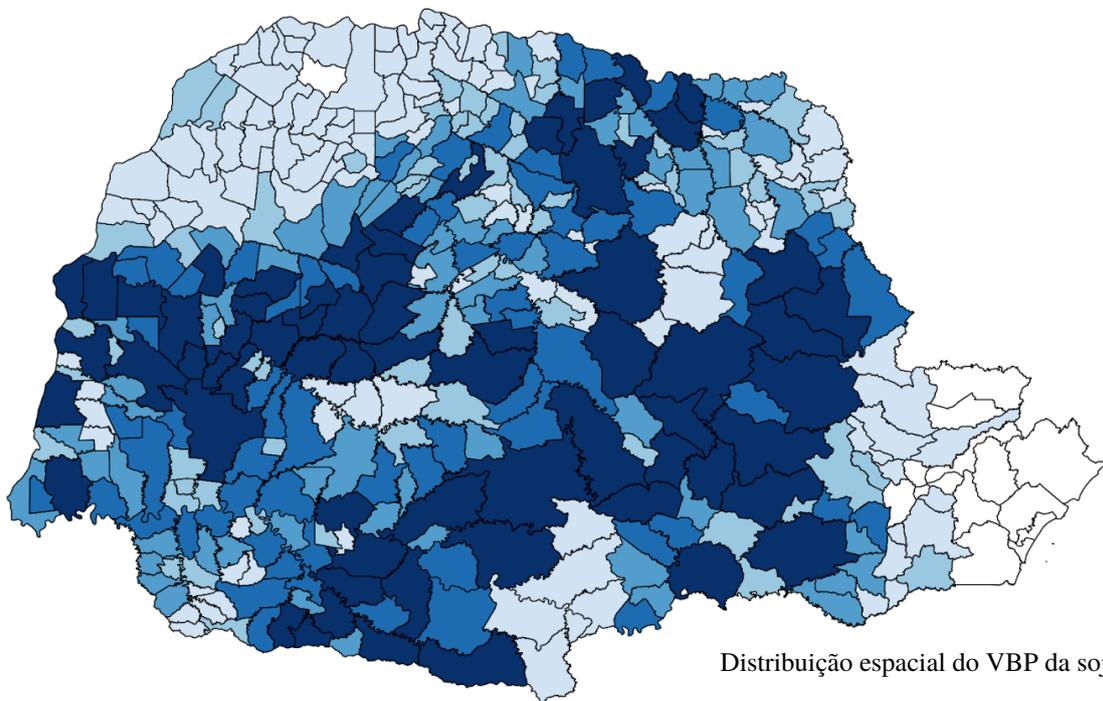
Em 2017 a produção de milho foi recorde no Brasil. Com isso, o valor pago para os produtores foi reduzido. O prejuízo foi de R\$ 19 por saca na primeira safra e chegou a R\$35,67 por saca de 60 kg na segunda.

SOJA



A soja (*Glycine max*) é um dos grãos mais produzidos no mundo e no Paraná, onde é a principal cultura. O plantio da soja é realizado somente uma vez durante o ano, entre setembro e dezembro, e o seu cultivo leva cerca de 120 dias. O espaçamento mais utilizado é o de 45 cm podendo variar de 40 a 50 cm, necessitando entre 450 a 800 mm de água durante o seu ciclo.

No VBP do Paraná, a soja segue responsável por 23% de toda a produção, totalizando R\$ 29 bilhões e uma produção de aproximadamente 20 milhões de toneladas. Os municípios que mais produziram o grão foram: Cascavel, Tibagi, Guarapuava, Ponta Grossa e Toledo, representando 10% do VBP da soja no Estado do Paraná.



Distribuição espacial do VBP da soja em 2020

CUSTOS

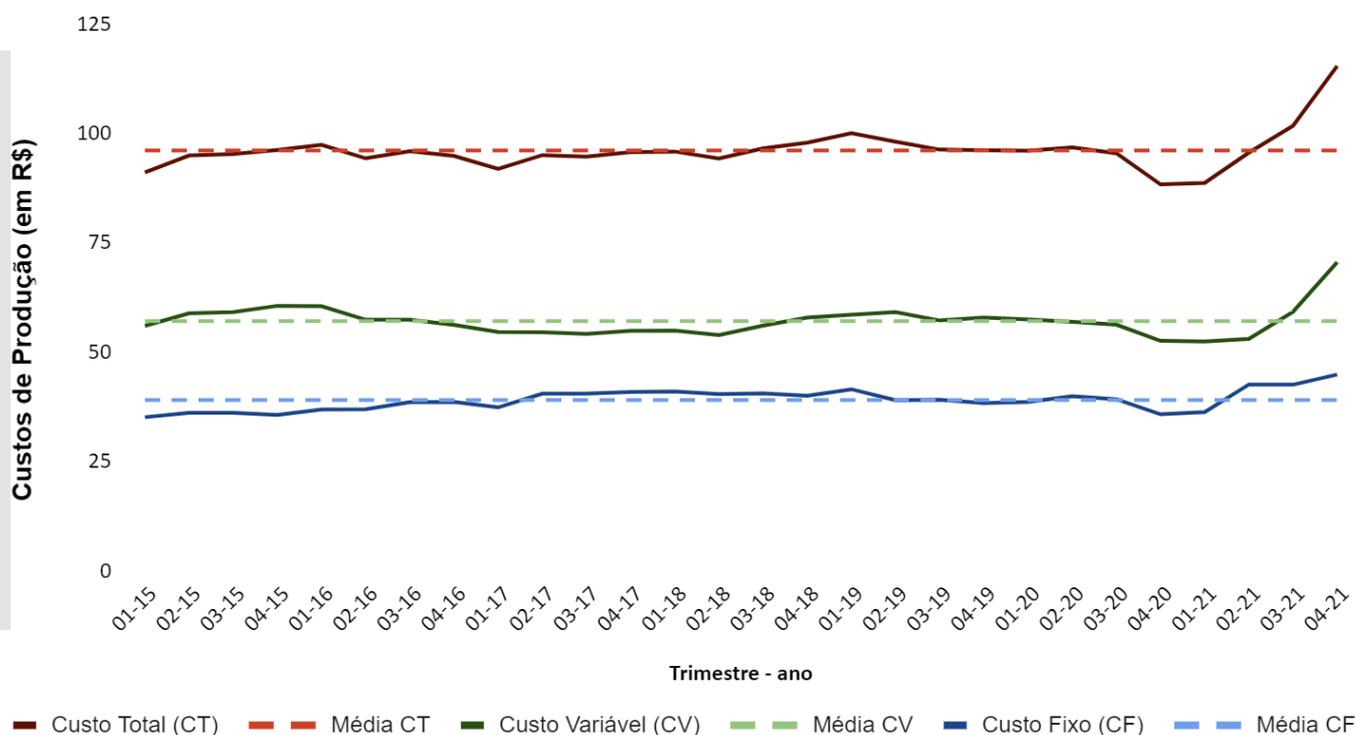


Levando em consideração a produtividade média da soja no Paraná, de 55 sc/60kg por hectare, o grão apresenta um custo médio histórico de R\$ 96,00 por sc/60kg. Desse custo, R\$ 57,02 (59,4%) são custos variáveis e R\$ 38,98 (40,6%) são custos fixos.

No 4ª trimestre de 2020 e no 1º trimestre de 2021 foram registrados custos mais baixos, próximos dos custos do início de 2012, com R\$ 88,25 e R\$ 88,60, respectivamente. Essa queda foi puxada pela redução dos custos de operação de máquinas e implementos, de mão de obra temporária e dos preços de sementes.

A partir do 2º trimestre de 2021, puxado pelo aumento nos preços dos insumos agrícolas, os valores voltaram a subir. No 4º trimestre atinge R\$ 115,31, um aumento de 61,5% para os fertilizantes e de 43,3% para os agrotóxicos, quando comparados ao 4ª trimestre de 2020.

Custos de Produção Trimestral - Soja (Saca 60 Kg)



PREÇOS

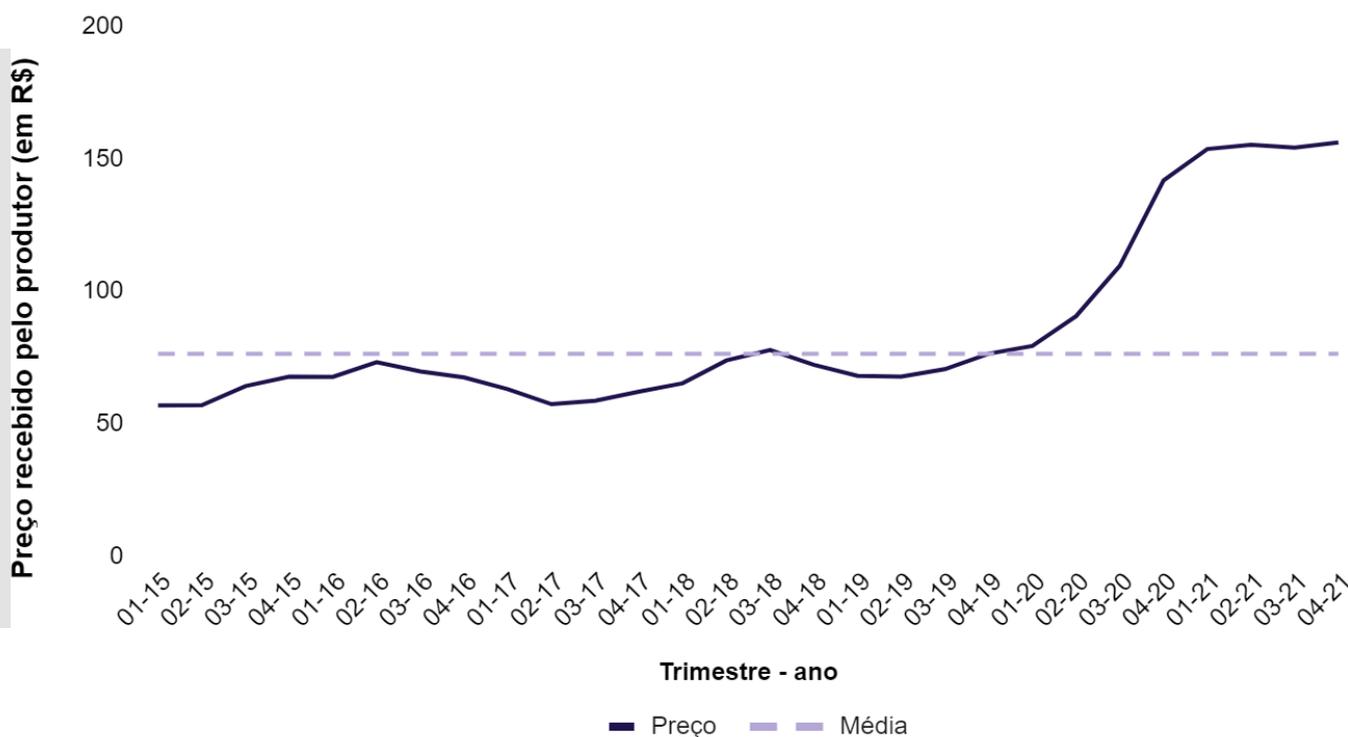


A média histórica do preço médio trimestral recebido pelo produtor de soja no Paraná, entre 2012 e 2021, é de R\$ 76,75 a saca de 60 kg da oleaginosa. Porém, no decorrer dessa década, os preços oscilaram entre R\$ 44,61 e R\$ 156,17 tendendo a um crescimento durante o período pandêmico, que inflacionou todo o mercado agrícola.

Entre os anos de 2012 e 2019, a saca de soja acompanhou o mercado agrícola e as variações cambiais chegando ao preço médio máximo de R\$ 77,82/sc. Entretanto, nos anos de 2020 e 2021, a saca de soja mais do que dobrou de preço, atingindo R\$ 156,17 no último trimestre de 2021.

Os principais motivos para esse aumento são as frequentes secas que atingiram as lavouras do Brasil e Argentina, diminuindo a oferta; problemas na cadeia de suprimentos; aumento da demanda, principalmente da China, responsável por mais de 60% das importações mundial; e a alta do dólar frente a desvalorização do real, que impulsiona os preços das commodities agrícolas.

Preços médios trimestrais - Soja (Saca 60 Kg)



ANÁLISE HISTÓRICA

2021

FERTILIZANTES

A alta do dólar e a redução da oferta de fertilizantes - devido ao encolhimento da produção nacional, ao fechamento de minas de potássio e às instabilidades no cenário geopolítico - vêm elevando o preço desse insumo.

2020

PREÇO

Influenciado por uma forte demanda internacional e por um câmbio desvalorizado, que favorece a exportação nacional de *commodities*, o preço da soja, entre 2020 e 2021, cresceu em 96%

2015

LUCROS

Em todo o período analisado, o preço da soja se manteve em um patamar superior frente a seu custo de produção. Esse fator explica a predominância do cultivo do grão em todo o Estado, pois foi capaz de garantir rentabilidade ao produtor rural.

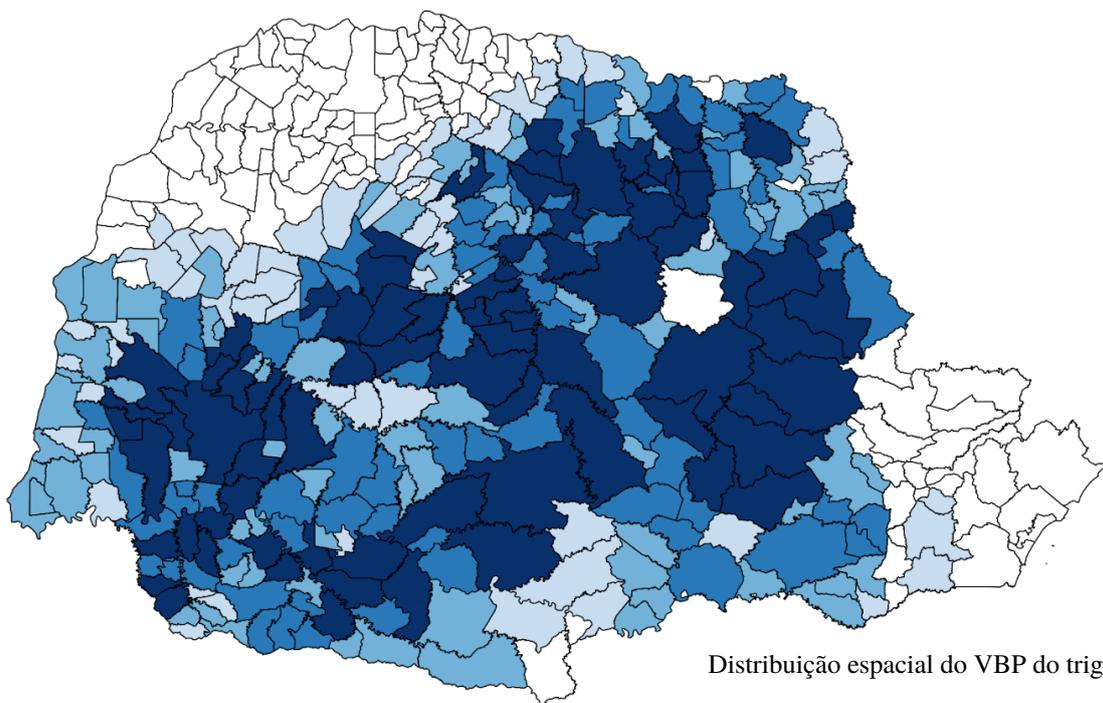
TRIGO

Historicamente, o Paraná é o maior produtor de trigo do País devido às variações edafoclimáticas entre as regiões do Estado. A época de semeadura compreende os meses de abril a julho e conta com uma safra anual de inverno, enquanto a colheita, se estende de agosto a dezembro. O cultivo é mecanizado, realizado no regime sequeiro e semeado em sistema de plantio direto.

A participação do trigo no VBP do Paraná, apesar de não ser tão expressiva como a soja e o milho, possui grande importância agrônômica. Na safra de 2021, a cultura foi semeada em 1,2 milhão de hectares, alcançando uma produção de 3,2 milhões de toneladas.

O NR de Ponta Grossa obteve a maior produção de trigo, com 515 mil t, seguido pelo NR de Cascavel, com 465 mil t, representando 16% e 14% do total, respectivamente.

Quanto ao custo de produção, destaca-se o dispêndio com fertilizantes e agrotóxicos, que, em um período de dez anos, exibiram acréscimo expressivo de 98% e 200%, respectivamente. Isto se deve, sobretudo, ao aumento do emprego desses insumos nas lavouras de trigo e, como são importados pelo Paraná, sua aquisição foi afetada diretamente pela contínua alta do dólar, elevando assim o custo total da produção da cultura.



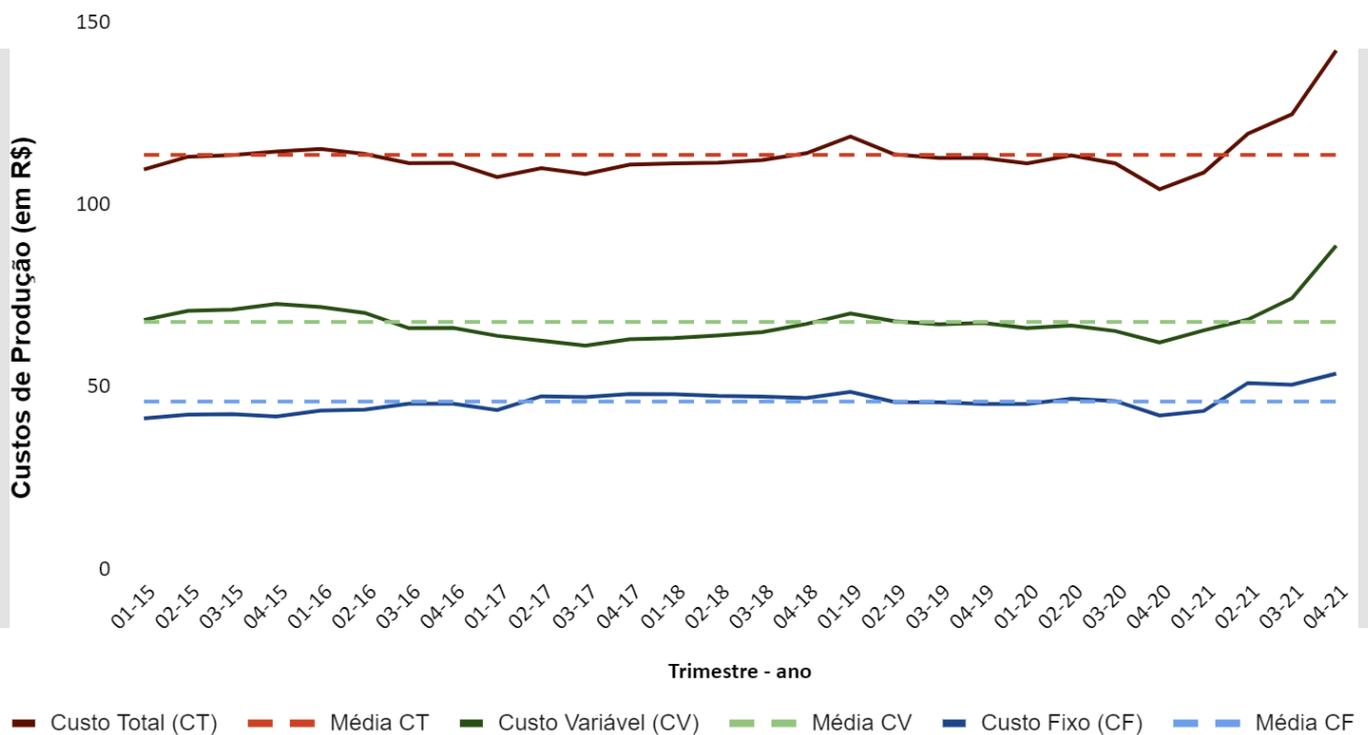
Distribuição espacial do VBP do trigo em 2020

CUSTOS

A média histórica do custo total do trigo é de R\$ 113,00/60 kg. Desses, 40% são custos fixos e 60% são custos variáveis. Devido ao aumento dos preços dos insumos agrícolas e de sua utilização, verifica-se uma tendência de elevação para todos os custos, exceção feita a uma leve queda no último trimestre de 2020 (em virtude de acentuada redução do custo fixo).

Após esse episódio, nota-se um aumento progressivo dos custos em razão da redução de oferta dos insumos agrícolas e da alta taxa cambial que acaba por elevar especialmente o custo com fertilizantes (insumo que representa 27% do custo total do trigo).

Custos de Produção Trimestral - Trigo (Saca 60 Kg)

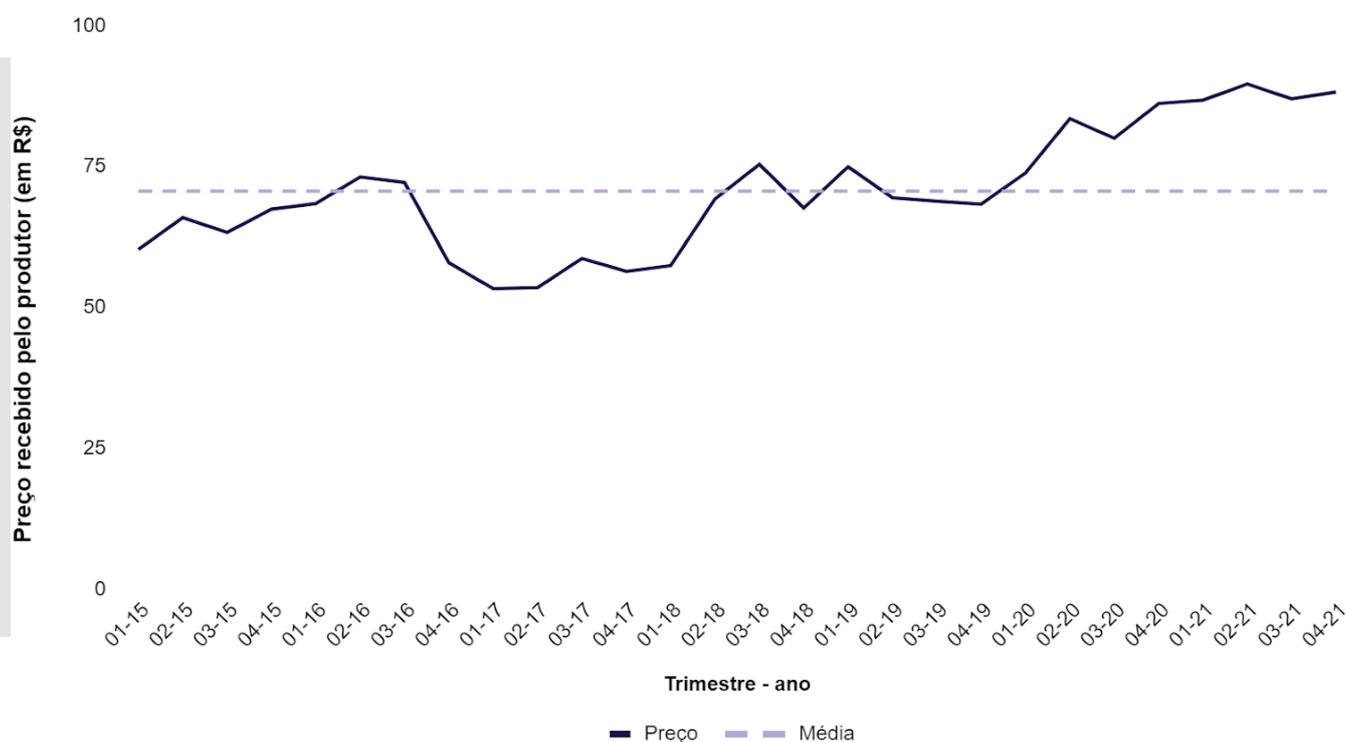


PREÇOS

A média história de preços recebidos pelo produtor é de R\$ 71,00/saca. Em geral, percebe-se uma propensão de crescimento dos preços. Porém, no último trimestre de 2016, observa-se uma queda em razão da alta produção global no ano anterior e da concorrência de países vizinhos.

Em contrapartida, devido à valorização do dólar e à elevação dos custos de produção, a partir do primeiro trimestre de 2020, apresentou-se um aumento gradual de preços acima da média histórica para o período.

Preços médios trimestrais - Trigo (Saca 60 Kg)



ANÁLISE HISTÓRICA

2020

CUSTOS

Sob a alta taxa cambial do período, os custos de produção aumentaram exponencialmente, visto que grande parte dos insumos da cultura é proveniente da importação. Além disso, os combustíveis para as máquinas agrícolas foram reajustados para cima diversas vezes.

2016

PREÇOS

Em um cenário de recuo na produção nacional em razão de intempéries climáticas, as cotações de trigo se mantiveram em alta. A adequação das “retenções” na Argentina, de US\$ 4 por dólar exportado para 12% fixos no cereal, também geraram impactos, dando espaço para exportações do trigo brasileiro.

2016

PREÇOS

Com recorde na produção brasileira de trigo em 2016, importações abundantes e preços atrativos do cereal, os estoques estavam abastecidos. Isto aliado à desvalorização do dólar no período pressionaram para baixo os preços recebidos pelos produtores.

CONSIDERAÇÕES

Esta análise possibilitou a inferência das questões climáticas e do cenário nacional e internacional sobre os custos de produção e sobre os preços recebidos pelo produtores entre 2015 e 2021.

Observou-se que o cenário geopolítico atual da guerra entre Rússia e Ucrânia vem impactando nos custos de fertilizantes das culturas analisadas em 2021, em virtude da redução das importações nacionais de fertilizantes advindos da Rússia.

Além disso, para o café e a mandioca, a redução nos custos com mão de obra vem impactando no decréscimo dos custos de produção destas culturas durante o período considerado.

Por fim, as condições climáticas (geadas e estiagem) vivenciadas impactaram os preços em 2016 e, também a partir da segunda metade de 2020. Fatores em consonância ao cenário pandêmico de alta demanda mundial, inflacionaram o mercado de *commodities*.

CORPO TÉCNICO DERAL - SEDE

Responsáveis Técnicos

Carlos Hugo Winckler Godinho
Claudia Maria Justi
Disonei Zampieri
Edmar Wardensk Gervasio
Eliane Mara Rebelo
Fernanda Marie Yonamini
Francisco Carlos Simioni
Gianna Maria Cirio
Larissa Nahirny Alves
Marcelo Garrido Moreira
Methodio Groxko
Paulo Fernando de Souza Andrade
Roberto Carlos Prazeres de Andrade Silva
Rogerio Cesar Nogueira
Thiago De Marchi da Silva

Residentes Técnicos

Adriana Geray Artigas
Antonio Octaviano de Andrade Neto
Cleucilene Moura dos Reis
Débora Stefane Souza de Paulo
Felipe Itiro Motobayashi
Joabe Rodrigues Pereira
Larissa Correia de Paula
Luana Melim Neves

Estagiário

Alexsander Caiut Beilner

CORPO TÉCNICO DERAL - NÚCLEOS REGIONAIS

Apucarana - Adriano Nunomura; Paulo Sergio Franzini

Residente Técnico - Renan Romano Machado

Campo Mourão - João Dimas do Nascimento; Paulo Soares Borges

Residentes Técnicos - Fernando Ananias Antunes; Thais Queiroz de Loyola da Silva

Cascavel - Jovir Vicentini Esser

Residentes Técnicos: Daiara Forlim; Rafaela Adam Baioco

Cianorte - Anne Caroline Testa

Residente Técnico: José Francisco Braga Neto

Cornélio Procopio - Devanir Ladeira; Parailio Zanini; Paulo Rogerio Abrao Mileo

Residente Técnico - Andre Marques de Oliveira

Curitiba - Antonio Carlos Tonon; Edson Roberto Kupka; Jose Alberto Grobe;

Marcelo da Silva Gomes; Marcio Garcia Jacometti

Francisco Beltrão - Agustinho Girardello; Antoninho Fontanella; Ricardo Martyn Kaspreski

Guarapuava - Dirlei Antonio Manfio; Josnei Augusto da Silva Pinto

Irati - Pablo Signor

Residente Técnico: Roberto Celito Henich

Ivaiporã - Antonio Vila Real; Randolpho da Costa Oliveira; Sergio Carlos Empinotti

Residente Técnico - Bianca Maciel

Jacarezinho - Franc Rom de Oliveira; Haroldo Siqueira de Oliveira

Laranjeiras do Sul - Edson Gonçalves de Oliveira; Juarez de Oliveira Andrade

Residente Técnico - Fernanda dos Santos Pompeo

Londrina - Gilmar Vieira Brene; Luis Moraes Neto; Pedro Guglielmi Junior;

Willian Arc Meneghel

Residentes Técnicos - Bianca De Matos; Vitor Sigari Lobato

Maringá - Adilson Demito; Moises Roberto Barion Bolonhez; Andre de Finis

Residente Técnico - Felipe Cardoso Tarifa Vido

Paranaguá - Mauricio Lunardon

Residente Técnico - Rebeka D'Angela Garcia Rodrigues

Paranavaí - Carlos Santos de Araujo; Vitor Inacio Davies Lago

Pato Branco - Ivano Luiz Carniel

Residente Técnico - Andressa Cristina de Castro

Pitanga - Danilo Sens de Castro; Marcelo Serbai

Residente Técnico - Angela Fernanda Matchula

Ponta Grossa - Carlos Roberto Osternack; Cristovam Sabino Queiroz; Gil Oliveira da Costa Junior; Luiz Alberto Vantropa

Residente Técnico - André Luiz Iurko

Toledo - Benedito Marcolino da Silva; Jean Marie Aparecida Ferrarini Triches; Paulo Aparecido Oliva

Umuarama - Alene Catarina Pacheco dos Santos; Antonio Carlos Favaro; Atico Luiz Ferreira; Elcio Fernandes

Residente Técnico - Michael Alexander da Silva

União da Vitória - Luiz Carlos Otomaier

Residente Técnico - Débora Pizzolatto



agricultura.pr.gov.br



[@deral_pr](https://www.instagram.com/deral_pr)



[linkedin.com/company/deralpr](https://www.linkedin.com/company/deralpr)



[@deralpr](https://twitter.com/deralpr)



[Seab - PR](#)